

Stefan Zweig e o Brasil

Exílio e Integração



**Não pertencço
a lugar algum,
em toda parte
sou estrangeiro
ou, na melhor
hipótese,
hóspede.**

**Stefan Zweig, escritor
austríaco exilado no
Brasil em 1940**

Zweig a bordo do "Alcantara", em sua
primeira visita ao Brasil, agosto de 1936



Coordenação editorial | Kristina Michahelles
Projeto gráfico | Ruth Freihof | Passaredo Design

Casa Stefan Zweig, Petrópolis, Brasil

Alberto Dines (in memoriam)
Israel Beloch (presidente)
Celso Lafer
Fábio Koifman
José Luiz Alquéres
José Pio Borges
Kristina Michahelles
Mario Azevedo
Nelson Eizirik
Renato Bromfman
Stephan Krier
Tobias Cepelowicz

Casa Stefan Zweig

sexta a domingo, 11h às 17h
(+55 24) 2245 4316
contato@casastefanzweig.org
www.casastefanzweig.org
casastefanzweig
Rua Gonçalves Dias, 34
Petrópolis, Rio de Janeiro, RJ

Konrad-Adenauer-Stiftung e. V.

Escritório da Fundação Brasil
Rua Guilhermina Guinle, 163, Botafogo
22270-060 Rio de Janeiro, Brasil
Adenauer-Brasil@kas.de
+55 21 2220 5441
+55 21 2220 5448
www.kas.de/pt/web/brasilien/home

As opiniões externadas nesta publicação são de exclusiva responsabilidade de seus autores.

ISBN: 978-65-990084-7-4

Sumário

Apresentação	6
<i>O viajante</i> , de Luiz Aquila	8
Artigo <i>Exílios</i> - Renato Lessa	11
Exposição <i>Legado do exílio</i>	15
Livro <i>Dicionário dos refugiados do nazifascismo no Brasil</i>	28
Perfil <i>Lore Koch, única discípula de Volpi</i>	35
Grupo de Estudos <i>Stefan Zweig no país do futuro</i>	40

Apresentação

Desde a sua inauguração, em 2012, além de lembrar a vida, a obra e as ideias do escritor que decidiu morrer em Petrópolis no meio da guerra, a Casa Stefan Zweig é também um Memorial do Exílio em homenagem a mais de 15 mil exilados do nazifascismo no Brasil.

A partir da relevante contribuição em todos os campos das artes, das ciências e do conhecimento destes refugiados que tiveram de deixar tudo para trás e recomeçar uma nova vida, a publicação pretende estimular o debate sobre a importância de políticas públicas de acolhimento e integração em um mundo com crescentes números de refugiados de todo tipo.

Não foi por acaso que, em setembro de 2017, o então presidente do Parlamento (Bundestag) alemão, Norbert Lammert, atual presidente da Fundação Konrad Adenauer (KAS), escolheu a última morada de Stefan Zweig para um debate sobre as principais questões que afligem o mundo de hoje: xenofobia e intolerância, migração e exílio, exclusão e inclusão, humanismo e pacifismo.

Pois além de museu e centro cultural que visa sobretudo atrair a geração mais jovem, a Casa Stefan Zweig leva adiante o projeto *Canto dos Exilados* para recuperar a memória de centenas de artistas, intelectuais e cientistas

que se refugiaram no Brasil no período 1933-1945. Poderiam ser mais numerosos e o volume de contribuições mais significativo, se as restrições do governo Vargas à entrada de refugiados da guerra, sobretudo judeus, não fossem tão drásticas. A pesquisa já resultou em um amplo banco de dados, em uma série televisiva, em exposições no Brasil e na Europa e na publicação, em 2021, do *Dicionário dos refugiados do nazifascismo*, do qual trataremos nesta edição.

Desde 2017, a Casa Stefan Zweig é parceira local da KAS, entre cujos interesses específicos estão a consolidação da democracia, o respeito aos direitos humanos, o fomento da unificação europeia, a intensificação das relações transatlânticas e a cooperação em prol do desenvolvimento.

Esta publicação é dirigida prioritariamente a jovens, alunos de nível médio e estudantes universitários. Promovendo o debate em torno das questões da atualidade, a Casa Stefan Zweig tenta cumprir, na medida das suas possibilidades, a função de “bússola para os tempos vindouros”, nas palavras do seu patrono.

*Anja Czymmeck, diretora da KAS
Casa Stefan Zweig, a diretoria*

O viajante, de Luiz Aquila

O renomado artista plástico Luiz Aquila, apoiador e parceiro da CSZ desde a sua fundação e residente em Petrópolis, doou ao museu no início do ano de 2020 o quadro *O Viajante* (70 x 100 cm, técnica mista, serigrafia, pintura acrílica e colagem sobre papel), de 2014.

O viajante Stefan Zweig esteve pela primeira vez no Brasil em 1936 a caminho da Argentina, voltou em 1940 por alguns meses para coletar material para o livro *Brasil, um país do futuro* e decidiu morar em Petrópolis em setembro de 1941. Em fevereiro de 1942, no meio da Segunda Guerra Mundial, o gesto dramático do suicídio do escritor e de sua segunda mulher, Lotte, simbolizou o desespero e a angústia de um exilado que viu esgotadas as possibilidades de se adaptar a uma nova terra, língua e cultura.



Detalhe da obra

Eu vivo no exílio – não, o exílio é que vive em mim.

**Rosa Yassin
Hassan, escritora
síria exilada na
Alemanha, 2018**

Artigo

Exílios

Renato Lessa

Um grande número de exilados de língua alemã veio ter ao Brasil entre 1933 e 1945. Trata-se do maior contingente de exilados recebido pelo país, em toda a sua história. Vista com a passagem do tempo, trata-se de uma história de superação, de vitória sobre as condições originárias causadoras do exílio. No entanto, não se pode obliterar a dureza e o absurdo vividos pelos exilados originários, as primeiras levas dessa condição. O impacto deste exílio na vida brasileira foi extremamente positivo e estruturante. Um privilégio nacional ter recebido esse contingente. Mas na origem de tudo esteve um dos maiores sofrimentos que podem ser impostos aos humanos.

Há comunidades de exilados que, por sua permanência nos países e locais de acolhimento, não apenas livraram-se das condições de letalidade física e/ou cultural da origem, mas acabaram por marcar a paisagem dos territórios de chegada. É o caso do incomensurável impacto cultural e civilizatório da corrente de exilados de língua alemã que ocorre ao Brasil entre meados dos anos 1930 e dos anos 1940. Da perspectiva do que já passou – três ou quatro gerações após os atos de desfixação originais – sempre é possível usufruir de certo alento.

Afinal, por modos muito diversos, agarramo-nos à vida e nela permanecemos: os imperativos de descendência são postos como passagem para a superação das agonias e incertezas vividas pela ascendência. É bem este o segredo das comunidades exiladas que se

re-fixam no mundo: a superação, pela descendência, das distopias da ascendência.

Nem todas comunidades exiladas foram redimidas por algum sucesso na permanência na vida. Por vezes, permanecer na vida é tão somente uma pátina que encobre supressões e perdas para as quais não parece haver remissão. A experiência das primeiras gerações de exilados, por exemplo, assim o indica.

São elas as portadoras privilegiadas da experiência original do desvínculo e da deambulação compulsória por mundos em ruínas ou, simplesmente, ilegíveis. É de se imaginar, quando se percebe o encantamento de Stefan Zweig com sua própria língua, ao elogiar a maestria poética e ensaística do jovem Hugo von Hofmannsthal, o quanto de seu sofrimento no exílio decorreu da supressão de seu ambiente linguístico original.

Perder uma língua talvez seja o mais doloroso na imensa dor do exílio. Poucos terão tido o heroísmo e a resiliência de um sujeito como Kurt Schwitters, o genial dadaísta alemão, que se exila na Inglaterra, em 1933, e decide abandonar a sua língua, condenando-se ao uso vitalício de uma duvidosa proficiência no idioma inglês. Schwitters, no entanto, possuía o recurso da linguagem das artes plásticas, e por aí foi.

Em ato igualmente heroico, o intelectual alemão e judeu Victor Klemperer – primo do grande maestro Otto Klemperer –, professor de literatura românica na Universidade de Dresden, acaba por permanecer na Alemanha durante o nazismo, período no qual se dedica a estudar a língua dos seus inimigos. Disto resultou o genial livro *A Linguagem do Terceiro Reich*. Exilado interno, Klemperer apegava-se a sua língua para exibir a sua desconfiguração, por meio dos reiterados atos de fala dos celerados que destruíram o seu país. Isso parece fazer também sentido: permanecer, idêntico a si mesmo, em um mundo que desaparece é algo que também sabe a exílio.

A condição do exílio é um dos mais dolorosos experimentos

humanos. Stefan Zweig, em sua tão bela quanto triste autobiografia, concluída em 1942, às vésperas do suicídio em Petrópolis, associou a condição a um sentimento de “não sei para onde ir”.

Exílios são também experiências interpessoais que carregam consigo, de modo concentrado e pessoal, as características mais gerais da condição. Ainda que sejam animais sociais inscritos em coletividades, a experiência de interação mais intensa dos humanos se dá na relação com o outro imediato – na amizade, no amor, no compartilhamento, na comunhão e no abismo da intimidade.

A ruína abrupta desses mundos interpessoais faz com que desapareçam os objetos e as vivências do que até então se apresentava como mais próximo e essencial. Permanecem exilados os termos das linguagens próprias a tais mundos compartilhados, agarrados a uma memória, da qual foram suprimidas as potências de fabricação do presente e do futuro.

Assim como os seus falantes — na condição do desvínculo, da descomunhão e do descompartilhamento —, as palavras dessas línguas são artefatos dissolvidos em um mundo sem gravitação. São, pois, palavras exiladas.

Aqui reside o âmago da condição do exílio: perda da linguagem, apagamento da forma de vida que lhe corresponde. Desvínculo: é essa a palavra-chave que denota a dissolução da experiência de “estar-junto” e a passagem para a experiência de “não sei para onde ir”, posta por Stefan Zweig.

Renato Lessa é professor de Filosofia Política da PUC-Rio, ex-diretor da Biblioteca Nacional (2013-2016).

Este discurso foi proferido por ocasião da abertura da exposição “...Olhando mais para frente do que para trás: o exílio de língua alemã no Brasil, 1933-1945”, na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, em 11/12/2014

Um exilado não é simplesmente uma pessoa sem casa; é alguém que não consegue achar outra, que não pode pensar em outra.

André Aciman, escritor egípcio que vive nos EUA

Exposição

Legado do exílio: a contribuição dos refugiados do nazifascismo para o Brasil

Vieram fugindo da destruição, da miséria, da desesperança. A sina dos refugiados e exilados sempre foi - e é até hoje - a face oculta do triunfalismo das guerras. É uma tragédia que ainda não acabou.

Entre 1933 e 45, milhares foram proibidos de exercer sua arte, sua ciência, seu ofício.

Perseguidos, deixaram tudo para trás.

Acharam uma nova pátria. Recomeçaram do zero. Devolveram.

Deixaram um rico legado, cada um na sua área, marcando gerações e gerações de brasileiros.

Alberto Dines, jornalista e fundador da Casa Stefan Zweig, na série televisiva Canto dos Exilados

Tudo estava pronto para a festa de inauguração na sede do consulado-geral do Brasil em Genebra. A própria cônsul-geral Susan Kleebank, do alto de uma escada, deu os últimos retoques com cola e tesoura na mão. A exposição *Legacy of Exile, how Refugees Fleeing World War II* seria inaugurada no dia 25 de março como parte das comemorações dos 75 anos do final da Segunda Guerra Mundial. Num cenário de crescente xenofobia, fechamento de fronteiras e levas de refugiados à deriva em

todas as partes do mundo, a ideia era mostrar, através de um minúsculo recorte de 38 biografias – em sua maioria, judeus perseguidos pelo nazifascismo – o quanto as pessoas exiladas devolvem em realizações ao país que os acolhe.

Mas a pandemia mudou os planos, e a mostra acabou sendo virtual, até ir para as paredes da Maison Dumas, sede da Comunidade Israelita de Genebra. Ali, de julho a setembro, foi vista por centenas de pessoas, antes de migrar mais uma vez e ser vista, de 12 a 23 de outubro de 2020, no elegante e transparente prédio da Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI). Em 2021 deverá prosseguir sua trajetória por outras capitais europeias como Berlim e Viena.

A mostra, que resultou em um belo catálogo, é uma parceria entre a Casa Stefan Zweig e o Consulado Geral do Brasil em Genebra e se baseia na série televisiva *Canto dos Exilados*, que foi ao ar pela primeira vez em 2016 e mostra 30 perfis de exilados famosos.

Um maestro judeu húngaro, Eugen Szenkar, arregimentou em seis semanas uma centena de músicos e fundou em 1940 a Orquestra Sinfônica Brasileira. O advogado Herbert Caro, de Berlim, aproximou os leitores brasileiros da obra de Thomas Mann. O romeno Emeric Marcier pintou na pequena capela de Mauá, município da Grande de São Paulo, a “Sistina brasileira”. Ousado, o russo Oskar Ornstein trouxe ao Golden Room do Copacabana Palace não apenas estrelas como Marlene Dietrich ou Nat King Cole: conseguiu a proeza de fazer Frank Sinatra cantar no Maracanã.

Por ironia da História, vários judeus perseguidos viraram aqui embaixadores da língua e da cultura alemãs, fundando livrarias que se tornaram pontos de encontro da intelectualidade. A Livraria Kosmos já não existe mais, mas a Livraria Cultura se tornou uma rede enorme país afora - fundada pela refugiada Eva Herz.

Há o caso do rapaz judeu alemão de 16 anos que se encantou com as pedras brasileiras, às quais ninguém dava muito valor. Mas Hans Stern,

obcecado pela sua ideia, foi em frente e fundou a principal empresa de design de joias da América do Sul. Ou o violoncelista húngaro que, mal chegado ao Rio de Janeiro, descobriu uma lacuna no mercado: não havia uma única loja de partituras. A loja de Arany foi durante décadas um “point” dos músicos clássicos e da bossa nova. Temos a saga da alemã franzina que, decidida, reformou o Theatro São Pedro em Porto Alegre e dotou a capital gaúcha de uma agenda cultural própria. Dona Eva Sopher foi laureada na Alemanha aos 91 anos com o maior prêmio da área da cultura.

Além de Emeric Marcier, vários dos exilados no Brasil se destacaram nas artes plásticas, como Fayga Ostrower, Agi Straus, o casal Vieira da Silva e Árpád Szenes. Assim como os fotógrafos Hans-Günther Flieg, Jean Manzon, estes artistas trouxeram um novo olhar e técnicas de vanguarda.

Quase todos se tornaram cidadãos brasileiros, e seguem marcando muitas gerações com seus feitos.

Músicos



Eugen Szenkar, regente húngaro, fundador da Orquestra Sinfônica Brasileira
Cortesia da família Szenkar



Felicja Blumental, pianista polonesa, a quem Villa-Lobos dedicou um concerto
Cortesia da filha de Felicja, Annette Céline

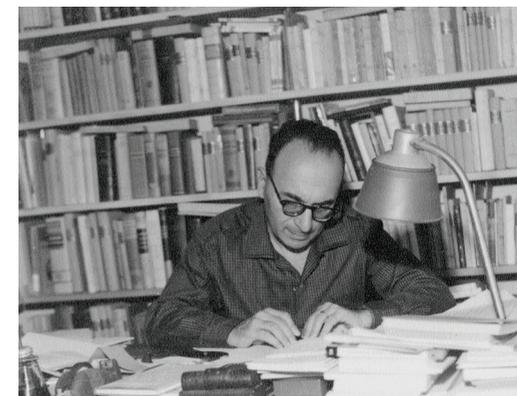


Hans-Joachim Koellreutter, compositor e pedagogo alemão, mestre de músicos eruditos e expoentes da bossa nova
Cortesia de Carlos Kater

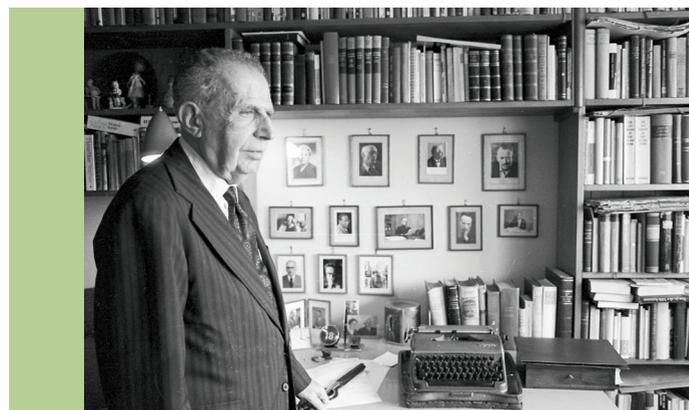
Críticos e tradutores



Otto Maria Carpeaux, jornalista e crítico austríaco, guru de uma geração de jornalistas



Paulo Rónai, crítico e tradutor húngaro, traduziu a obra completa de Balzac
Cortesia de Cora e Laura Rónai

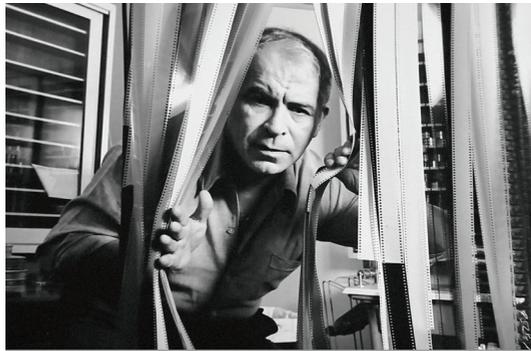


Herbert Caro, advogado alemão que se tornou tradutor, entre outros, de Thomas Mann, Steinbeck, Canetti
Caro no seu escritório em Porto Alegre, sul do Brasil
Luiz Eduardo Achutti

Fotógrafos



Kurt Klagsbrunn, austríaco, deixou um acervo de milhares de fotografia Rio de Janeiro 1948
Cortesia de Victor Klagsbrunn



Jean Manzon, francês, trabalhou em O Cruzeiro. Produziu e dirigiu 900 filmes documentários
Cortesia de Gloria Manzon

Hans-Günther Flieg, alemão, tornou-se o fotógrafo da modernidade de São Paulo
Foto: Otto Svoboda, Coleção Hans Günther Flieg, Instituto Moreira Sales

Livreiros



Eva Herz, alemã, começou emprestando livros e fundou a Livraria da Cultura (com o marido Kurt)
Cortesia da família Herz



Erich Eichner e Walter Geyerhahn, austríacos, fundadores da Livraria Kosmos
Cortesia de Eva Mariani



Susanne Bach, alemã, pioneira na exportação de livros Deutsche Nationalbibliothek, Deutsches Exilarchiv 1933-1945



Walter Geyerhahn
Cortesia da família Geyerhahn

Empresários



Hans Stern, alemão, fundador da H.Stern
Cortesia da família Stern



Regine Feigl, química austríaca, virou
incorporadora e inovou com o Edifício
Avenida Central, no Rio
Museu Judaico Rio de Janeiro



Oscar Arany, violoncelista húngaro,
dono de loja de partituras
Cortesia da família Arany

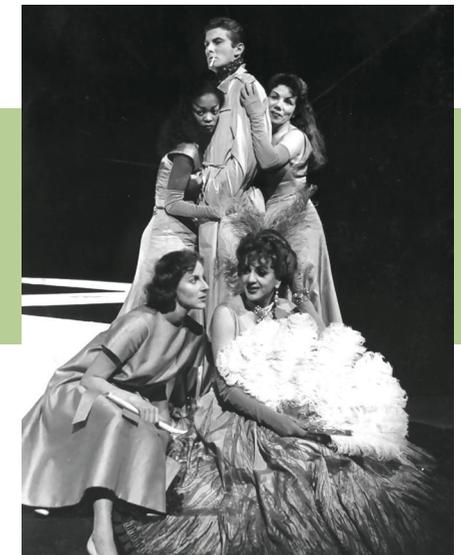
Promotores das artes



Eva Sopher, alemã, recuperou o
Theatro São Pedro em Porto Alegre
Theatro São Pedro



Oskar Ornstein, russo,
showman e produtor cultural
Funarte



Nydia Licia, atriz italiana, fundadora do Teatro
Bela Vista | Ruth de Souza, Carlos Zara, Nieta
Junqueira, Nydia Lícia e Wanda Kosmo na peça
Vestido de noiva
Cortesia Nydia Licia

Artes plásticas



Emeric Marcier, romeno, em Ouro Preto,
Minas Gerais, 1984
Cortesia de Matias Marcier

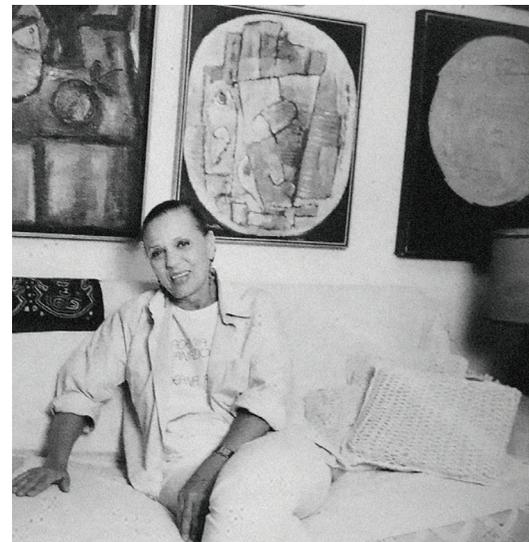


Fayga Ostrower, alemã, gravurista, professora
de Anna Bella Geiger e Lygia Pape
Instituto Fayga Ostrower



Hannah Brandt, alemã, estudou
com Maria Bonomi e Livia Abramo
Cortesia da família

Artes plásticas



Agi Straus, austríaca, pintora, escultora,
desenhista, ilustradora de livros infantis
Cortesia Agi Straus

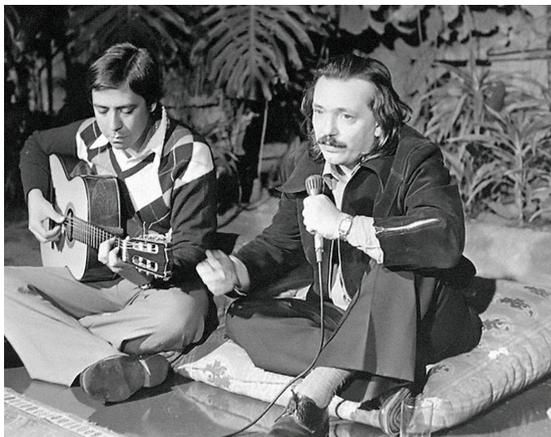


Wilhelm Wöller, alemão, pintor
expressionista
Rio de Janeiro, 1943
Cortesia de Andrea Junqueira



Vieira da Silva, pintora portuguesa, retratou o Rio dos
anos 1940, amiga de Cecília Meirelles
Casa Ateliê Carlos Scliar, Cabo Frio

Dramaturgos



Gianfrancesco Guarnieri, ator italiano, atuou em *Eles não usam black tie*
Cortesia de Cecília Thompson



Zbigniew Ziembinski, polonês, revolucionou o teatro brasileiro
Arquivo Nacional

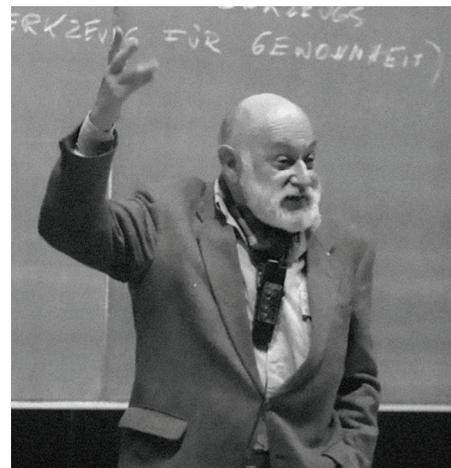


Zigmunt Turkow, polonês, um dos principais expoentes do teatro ídiche
Cortesia de Nachman Falbel

Pensadores



Anatol Rosenfeld, alemão, crítico, professor, introdutor do teatro de Brecht no Brasil
Cortesia de Jacó Guinsburg



Vilém Flusser, tcheco, pensador, crítico, professor
Thilo Mechau, Vilém Flusser Archive, Berlim



Stefan Zweig, escritor austríaco, autor de *Brasil, um país do futuro* em sua primeira viagem ao Brasil, 1936

Valorizar os refugiados do passado é jogar luz sobre os refugiados do presente. Assim como aqueles trouxeram notável contribuição para a terra que os acolheu, estes, com todas as diferenças que configuram a presente situação, também devem ser encarados como potencial de enriquecimento e fermento para a nossa sociedade. *Órfãos da terra*, recente sucesso de teledramaturgia da TV Globo, expressa a importância que o tema readquiriu na última década. Portanto, que esse dicionário venha reforçar uma visão positiva da figura do imigrante, personagem cada vez mais presente no conturbado mundo atual. Que seja mais um tijolo no edifício da luta contra a exclusão, a segregação, a xenofobia e o nacionalismo extremista.

No mundo complexo em que vivemos, é preciso encontrar mecanismos de preservação dos direitos humanos dos migrantes e refugiados e equipar as sociedades com novas, criativas e generosas formas de absorção de deslocados. A pressão das correntes migratórias tem de ser distribuída com equilíbrio entre as nações, as necessidades dos grupos que chegam precisam ser harmonizadas com os sistemas de benefícios sociais que os países desenvolvidos alcançaram historicamente e não podem implodir esses sistemas. A solução política e diplomática dos conflitos pode e deve minimizar os bárbaros efeitos das guerras sobre os seres humanos, o auxílio econômico às populações carentes deve ajudar a fixá-las em seu território original. As sociedades que se arvorarem como *bunkers* contra imigrantes devem sofrer repúdio internacional. Nada disso é fácil. Pelo contrário, é um formidável desafio, que teremos que enfrentar coletivamente, como foi enfrentado nos trágicos tempos da Segunda Guerra Mundial.

Um estudo elaborado em 2018 pela Universidade de Oxford em associação com o Citigroup revelou que dois terços do crescimento da economia norte-americana desde 2011 podem ser diretamente atribuídos à imigração; que, ao contrário da percepção intuitiva, o migrante tende a consumir menos benefícios sociais e custa menos aos

cofres públicos do que o nativo; e que, nos Estados Unidos, os migrantes são responsáveis por 30% dos novos negócios, embora representem apenas 14% da população.

O exílio marca a história da Humanidade, desde o êxodo dos hebreus para a Babilônia e o ostracismo ateniense, passando, ao longo dos séculos, pelo banimento de pensadores e artistas, como Ovídio, Dante Alighieri, Victor Hugo, Karl Marx, Leon Trotsky, além das milhares de vítimas da perseguição e intolerância do nazismo, entre elas Albert Einstein, Sigmund Freud, Thomas Mann, Stefan Zweig, e ainda os incontáveis refugiados de diferentes tiranias. Por todos eles, falou Dante: “Deixarás tudo o que mais entranhadamente amas, que é o primeiro infortúnio sofrido no desterro. Verás quão amargo é o pão alheio, e quão duro o caminho quando se deve subir e descer por estranha escada”. E os refugiados abrigados no Dicionário lograram superar todas as adversidades e produzir obras relevantes na terra que os acolheu.

Neste trabalho adotamos o seguinte critério de inclusão:

1. Refugiados dos países governados ou ocupados pelo nazifascismo: Alemanha, Áustria, Itália, França, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Noruega, Grécia, Albânia, Iugoslávia, Polônia, Ucrânia, Bielorrússia, Hungria, Tchecoslováquia, União Soviética, Japão e países asiáticos ocupados pelos japoneses,

2. Refugiados dos países aliados do nazifascismo: Espanha¹, Romênia, Bulgária.

Não pretendemos ser exaustivos: estima-se em mais de 15 mil o número de refugiados da Segunda Guerra Mundial que aportaram no Brasil, embora não exista um estudo preciso quanto a esta cifra. Seleccionamos 300 desses nomes que nos pareceram de maior relevância na contribuição à sociedade brasileira. Muitos outros poderiam ser

¹ A Espanha foi formalmente neutra na Segunda Guerra Mundial, embora desde a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), as forças vitoriosas de Franco tenham recebido firme colaboração da Alemanha.

incluídos e permanecem em nossos planos para futuras edições.

Do mesmo modo, em novas oportunidades aspiramos produzir também dicionários dos refugiados de outras tiranias além do nazifascismo: os *pogroms* e o antissemitismo da virada do século 19 para o 20, o comunismo, o nasserismo no Egito, o antissionismo no Oriente Médio, as ditaduras latino-americanas. Mais recentemente, os banidos pelos conflitos étnicos e políticos e os desastres ecológicos espalhados pelo mundo.

Para este Dicionário, a delimitação do período que conceitua a categoria do refugiado é óbvia: 1933 a 1945, os doze anos de poder do nazismo, a expressão mais opressora e violenta dos fascismos. Incluímos, no entanto, personagens que fugiram neste período para terceiros países e apenas algum tempo depois, até meados dos anos 1950, rumaram para o Brasil. Não deixam de ser refugiados do nazifascismo.

Registramos expatriados que abandonaram os seus países de origem ainda antes da invasão nazista, por pressentirem a catástrofe que se desenhava no horizonte. Manifestações de antissemitismo, por exemplo, eram fortes na Áustria anterior ao *Anschluss*, a anexação à Alemanha nazista, concretizada em 1938. Stefan Zweig não esperou atingir esse ponto e abandonou sua pátria em 1934, passando a residir na Inglaterra e nos Estados Unidos, até chegar em 1941 a seu destino final, o Brasil, onde já havia passado temporadas em 1936 e 1940.

Assim também, muitos abandonaram a Polônia e outros países da Europa Oriental, onde o antissemitismo grassava sem peias bem antes da invasão nazista.

É notável observar a presença entre os refugiados de um grande número de cientistas, matemáticos, arquitetos, artistas plásticos, atores, diretores teatrais, músicos, fotógrafos, bailarinas e até mesmo figurinistas, esportistas, policiais, palhaços. Eram homens e mulheres formados na alta cultura europeia, todos eles experimentando uma

trajetória de perseguições, fugas desesperadas, lutas incansáveis por vistos (e aqui nunca é demais destacar o papel impar do Embaixador Luiz Martins de Souza Dantas) – chegada e aclimatação no Brasil e ao idioma diferente e, enfim, a realização profissional na nova terra e o reconhecimento da fecunda atuação em nosso meio.

**Busco
exílio
em mim,
me sinto
estranho
em meu
próprio
lugar.**

**Caio Fernando
Abreu, escritor
brasileiro, exilado
na Europa nos
anos 1970**

Perfil

Lore Koch, única discípula de Volpi

Pintora, escultora

Berlim, 02-04-1926 – São Paulo, 01-08-2018

No Brasil, de 1936 a 1968 e de 1989 a 2018



São Paulo, 1959



Sem título, 1987, têmpera sobre tela, 75 x 101 cm coleção Ladi Biezus

Ela era linda, inteligente, talentosa e, acima de tudo, irreverente. Nascida em 1926 em Berlim, Eleonore (Lore) Koch teve uma infância tranquila, até a ascensão dos nazistas ao poder. O pai, Ernst, era advogado, e a mãe, Adelheid, psicanalista. Diante do crescente antissemitismo, a família judia cogitou emigrar para a Palestina, mas Ernst receava o potencial conflito com os árabes, quando chegou um convite providencial: Adelheid foi indicada por Ernest Jones, presidente da Associação Psicanalítica Internacional, para ajudar a desenvolver a psicanálise no Brasil junto com um grupo de médicos paulistas. Ernst Koch, por sua vez, teria papel destacado junto à comunidade judaica, presidindo a Congregação Israelita Paulista entre 1956 e 1967. E Lore se tornaria uma artista plástica de renome, tendo sido a única discípula de Alfredo Volpi.

O convite e a amizade com outra família judia emigrada, os Hamburger, que já viviam em São Paulo, ajudaram os Koch a se decidir pelo Brasil. Em entrevista concedida oito meses antes de morrer em São Paulo, aos 92 anos de idade, Lore Koch recordou os momentos tensos na travessia de trem na fronteira com a Holanda. Seu pai já havia sido detido uma vez e, caso fosse identificado, todos podiam ser deportados. Lembrou que sua mãe chorava muito no táxi, na gare. Finalmente venceram os controles e tomaram o navio em Londres, até chegar ao porto de Santos.

Adolescente, Lore revelou especial interesse por cores. Aos 17 anos, entrou na Escola de Belas Artes de São Paulo, mas abandonou o curso. Aconselhada pelos pais a aprender um ofício, fez um curso de encadernação e trabalhou na Livraria Nobel, do imigrante Claudio Milani, fazendo douração de livros. Depois, foi vendedora na Livraria Kosmos, que pertencia aos também exilados Norbert Geyerhahn e Erich Eichner, ponto de encontro de intelectuais e europeus refugiados da guerra na filial de São Paulo e na matriz no Rio de Janeiro. Indecisa entre escultura e pintura, teve aulas com a húngara Yolanda Mohalyi, com Elisabeth Nobile, com o pintor exilado Samson Flexor e, a partir de 1947, com o

escultor Bruno Giorgi. Apoiada pelos pais, seguiu para uma temporada em Paris com Árpád Szenes, artista exilado húngaro que passou alguns anos em Santa Teresa, Rio de Janeiro, e voltara para a Europa com a mulher Maria Helena Vieira da Silva, também pintora.

De volta a São Paulo, em 1952, trabalhou como cenógrafa na TV Tupi. Depois, foi secretária dos físicos Mário Schenberg e César Lattes na Universidade de São Paulo (USP) e do designer Aloísio Magalhães no Rio de Janeiro. O colecionador Theon Spanudis a apresentou ao pintor Alfredo Volpi, com quem continuou sua formação como pintora e de quem é considerada a única discípula. Lore Koch desenvolveu uma técnica de preparação de telas com gelatina em vez de cola, ensinada por Volpi, que permitia enrolar as pinturas, facilitando seu transporte. Também aprendeu com o mestre a trocar as tintas a óleo pela têmpera. Mas era uma relação tumultuosa. Ele nunca pintava na frente da aluna, falava pouco, e às vezes discutiam por causa de alguma cor determinada.

Desde a primeira edição da Bienal de São Paulo, em 1951, Koch enviou suas telas tentando participar do evento e sempre obteve recusas. Sofreu por isso, fez análise e se mudou e para o Rio de Janeiro em 1960 alegando que, em São Paulo, não conseguia um psicanalista que falasse alemão e que não tivesse vínculo com sua mãe. “Cisme de fazer em alemão, porque as lembranças eram da Alemanha. Hoje acho que foi bobagem”, lembrou. Suas obras foram finalmente exibidas em quatro Bienais Internacionais de São Paulo consecutivas entre 1959 e 1967. Também participou de diversas edições do Salão Paulista de Arte Moderna, sendo premiada em algumas delas, e do Salão Nacional de Arte Moderna, em 1961. Realizou mostras individuais em importantes galerias de São Paulo e do Rio de Janeiro nas décadas de 1950 e 1960, bem como no Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1956. Na segunda metade da década de 1960 expôs em Londres, onde passou a viver em 1968.

Na Mercury Galery de Londres, conheceu o milionário colecionador

barão Alistair McAlpine, que se tornou seu mecenas por sete anos mediante contrato: três vezes por ano ele passava no atelier de Lore Koch e comprava sua produção. Aos 50 anos e permanentemente insegura em relação à capacidade de monetizar sua arte, Lore Koch soube que a polícia inglesa precisava de um tradutor de português para acompanhar depoimentos de indiciados estrangeiros. Seguiu pintando, mas durante 13 anos foi funcionária da Scotland Yard. Em 1989 voltou ao Brasil e parou de pintar em 2002.

Em 2013 foi editado um livro sobre sua vida e obra com texto do crítico de arte Paulo Venâncio Filho, porém seu legado de mais de 100 obras ainda é pouco conhecido. O mesmo Paulo Venâncio Filho assim se expressou após sua morte: “Teria feito bem a ela ver sua obra reunida numa exposição. Ela teria se reconhecido e visto sua obra reconhecida.” Paulo Venâncio é o curador da exposição que a CASA STEFAN ZWEIG realizará no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro.

Texto baseado no verbete sobre Lore Koch do *Dicionário dos refugiados do nazifascismo*.

Para ler mais:

Paulo Venancio Filho. *Eleonore Koch*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.



Larissa Elisabete Fumis é graduada em História desde 2008 pela Faculdade de Ciências e Letras de Assis da UNESP. Concluiu o mestrado em Letras em 2016 e acaba de ser aprovada para o doutorado.



Marina Brito vive na Áustria. É mestre em Tradução (Inglês/ Alemão – Português) pela Universidade de Lisboa, Portugal. Defendeu em 2016 sua tese *Stefan Zweig – por entre traduções e olhares*.



Carlos Eduardo do Prado Professor de francês da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), doutor em Estudos de Literatura – Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF)



Mariana Holms graduou-se em Letras e concluiu o mestrado em Língua e Literatura Alemã sobre as memórias de Stefan Zweig pela USP e desenvolve sua tese de doutorado sobre a poeta austríaca Paula Ludwig, focalizando a experiência de exílio e a imagem do Brasil na obra da autora.

Grupo de estudos

Stefan Zweig no país do futuro

O Grupo de Estudos Stefan Zweig foi criado em junho de 2020 com o objetivo de ampliar a rede de especialistas na obra e a vida do autor austríaco nas universidades brasileiras. Coordenado por Kristina Michahelles, o encontro inicial contou com a presença de Larissa Fumis, Marina de Brito e Carlos Eduardo do Prado. Mariana Holms acaba de se juntar ao grupo.

Larissa Fumis é de São José do Rio Preto, SP. Fez mestrado em Literatura com uma tese dissertação sobre Stefan Zweig e seu livro *Brasil, um país do futuro*. No doutorado, fará uma análise contrapondo o mesmo livro ao *Romanceiro Brasileiro*, do também exilado Ulrich Becher.

Marina Brito mora em Viena. Em sua tese de mestrado, fez um estudo comparativo das traduções para o português - em um intervalo de sete décadas - das duas obras icônicas de Zweig, *Brasil, um país do futuro* e a autobiografia *O mundo de ontem*.

Carlos Eduardo do Prado é professor de francês da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e se doutorou em Estudos de Literatura – Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense com um estudo comparativo entre as biografias de Balzac e Zweig, com base na obra *Balzac, eine Biographie*, de Zweig.

Mariana Holms é doutoranda em Língua e Literatura Alemã pela Universidade de São Paulo. Depois de focar em Stefan Zweig no mestrado, atualmente concentra sua atenção na vida e obra da escritora e pintora austríaca Paula Ludwig, exilada no Brasil entre 1940 e 1953.

As reuniões serão trimestrais. O site da CSZ (www.casastefanzweig.org) criou uma nova seção para abrigar trabalhos acadêmicos sobre Stefan Zweig no Brasil. A seguir, um resumo das teses dos três primeiros participantes do grupo.

O Brasil de Stefan Zweig

Larissa Elisabete Fumis

Partindo de *Brasilien, ein Land der Zukunft* (1ª edição, Suhrkamp Taschenbuch, 1941) e *Brasil, um país do futuro* (1ª edição, Editora Guanabara, 1941), a dissertação analisou de que forma o escritor austríaco transformou suas observações e comentários sobre o Brasil em matéria que pode ser lida como literária, a partir da utilização de imagens e figuras idealizadas e ficionalizadas sobre o Brasil, os brasileiros e os fatos e eventos que aqui presenciou.

Para suas análises, empregou a teoria de Octávio Paz, “A Imagem” capítulo de seu livro *O arco e a lira* (Nova Fronteira, 1982), que trata das imagens literárias; os postulados de Zygmunt Bauman, *A Identidade* (2005) bem como obras específicas acerca da produção de Zweig e da presença de autores alemães e austríacos no Brasil, como os clássicos da germanista brasileira Izabela Kestler (*Exílio e Literatura. Escritores de fala alemã durante a época do nazismo*, 2003 e *A literatura em língua alemã e o período do exílio 1933-1945*, de 2005).

Zweig está entre os escritores mais lidos de seu tempo. Fez sua primeira viagem ao Brasil em 1936 e, em 1941, refugiou-se no país com sua segunda esposa Lotte. No Brasil passou cinco meses viajando e colhendo material para seu livro em Minas Gerais, São Paulo, Bahia, Pernambuco e Pará. Originalmente escrito em alemão, o livro foi traduzido para o português, em agosto de 1941, e publicado pela editora Guanabara.

Fazendo uma leitura simultânea do original e da tradução percebe-se a empolgação do autor em mostrar uma civilização de contrastes que pode dar certo, pois permite o convívio do homem com o homem e do homem com a natureza. Zweig viu a realidade com olhos de poeta e registrou isto como crença no ser humano.

Depois de uma incursão pela história e economia, o narrador volta-se para seu interesse principal: a cultura brasileira. Não se preocupa em descobrir como os diversos elementos europeus e africanos se recombinaram aqui. O

seu principal interesse é tornar conhecida a suposta ausência de preconceitos, a harmonia racial e a tolerância inata do povo, o que já revela o olhar peculiar e idealista do narrador sobre o Brasil e os brasileiros.

Zweig escreve o que se pode chamar de literatura de exílio. A germanista Izabela Kestler esclarece que “literatura alemã de exílio é aquela que foi expatriada direta ou indiretamente pelo nacional-socialismo, isto é, que teve que ser publicada no exterior e que geralmente não era acessível ao público alemão”. Algumas obras só foram publicadas no Brasil, em alemão, no pós-guerra. O termo exílio é compreendido aqui na acepção de saída forçada por circunstância política. Por isso, esses intelectuais não são considerados imigrantes.

Em *Brasil, um país do futuro*, o narrador descreve em tons muito positivos e bastante emotivos um país aparentemente livre dos preconceitos raciais, um “Eldorado” da miscigenação e da tolerância entre as raças, berço para o futuro do mundo e exemplo para outras nações. Embora o governo brasileiro algumas vezes ressarcia ao autor as despesas de estadia e viagens, não se pode afirmar que se trata de uma obra encomendada pelo governo Vargas para fazer uma propaganda positiva do Brasil para o exterior.

Em sua dissertação de mestrado, Adelaide Herbertz assinala que, depois de sua primeira viagem ao Brasil, em 1936, Zweig escreveu o ensaio ‘Pequena viagem ao Brasil’, cerne do futuro livro sobre o país, redigido em 1940-1941. Um ano depois da primeira viagem, Zweig escreve para seu editor brasileiro, Abrahão Koogan, falando sobre a intenção de ampliar o ensaio. Portanto, *Brasil, país do futuro* não surgiu como retribuição pelo visto de permanência concedido pelo governo brasileiro em 1940, ou como propaganda encomendada pelo governo Vargas.

O livro parece ser o projeto de utopia de Zweig de convivência pacífica das raças e está intimamente ligado à sua desesperança quanto ao futuro da Europa. O narrador imprime em suas páginas um otimismo exuberante sobre o Brasil, o que resulta em uma bem escrita descrição literária sobre o país. Narra, com um leve toque erótico, como se apaixonou pelo Rio: “O Rio de Janeiro não se empertiga: abre seus braços macios, femininos, recebe o recém-chegado com um abraço carinhoso e aconchegante, atrai, abandona-se com

certa volúpia aos olhares.". Pode se ler aí, uma tentativa de dizer que a cidade do Rio de Janeiro não é arrogante, como são algumas cidades europeias.

Zweig descreve as paisagens cariocas com um olhar apaixonado por um novo mundo, por uma cidade que o aguarda como uma bela mulher. Destaca-se, em sua obra, sua identificação com os brasileiros. Nesse contexto, no que tange à personalidade dos brasileiros e o modo como isso era percebido por Zweig, vale a pena lembrar Sérgio Buarque de Holanda e seu texto "O Homem Cordial", onde diz que [...] a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o "homem cordial". O Homem Cordial" é um capítulo do livro *Raízes do Brasil*, de 1936 e Holanda desnuda e expõe o real caráter e modos do brasileiro numa crítica nada apaixonada ou positiva, além de discorrer sobre a forma como os estrangeiros veem o Brasil.

Ainda no que se refere a suposta harmonia e assimilação racial no Brasil presente no livro de Zweig, é interessante citar o que diz Skidmore "desde a obtenção de sua independência em 1822, a maioria da elite brasileira esforçara-se para esconder dos estrangeiros e de si própria a 'impureza' de sua história racial".

Percebe-se com clareza que a visão de Zweig estava contaminada por um distanciamento cultural e por sua premente necessidade de fazer do país um paraíso, recuperando assim um lugar de refúgio em substituição à pátria perdida.

Stefan Zweig usou fantasias para descrever uma realidade nada favorável. Ele pintou o Brasil nas cores que quis ou pôde. Mostrou ou escondeu artisticamente tudo o que viu por aqui, não assumindo, assim, nenhum compromisso com a verdade. Zweig assumiu para si a fala de Manoel de Barros, que afirma "[...] o poeta não tem compromisso com a verdade". Delineou para si a sua utopia, a utopia zweiguiana, perseguindo-a a qualquer preço, de olho na arte de descrever imagens que lhe saltavam aos olhos e encantavam os sentidos. Foi, nesta dimensão, um verdadeiro poeta.

Percebemos, assim, uma tentativa de conferir ao brasileiro uma passividade e cordialidade que não existem. Zweig tenta criar uma imagem que ele gostaria que existisse e que correspondesse à realidade. Mas não foi o caso aqui. O autor fez isso, talvez, por sua aversão pessoal à violência.

Em sua autobiografia, *O mundo de ontem*, Zweig faz um balanço de sua vida e menciona o Brasil com muita empolgação e entusiasmo. É uma prova de

seu otimismo por um Brasil em formação, uma esperança zweiguiana de que uma nação precisa ser mais tolerante e ele se agarra a este país como última solução. Ao fazer reflexões sobre seu percurso de intelectual e humanista, ele estava em Petrópolis, num paraíso natural, e acompanhava o inferno europeu protagonizado pelos nazistas. Zweig filtra esta realidade brasileira, aparentemente pacífica, com imagens positivas, como quando o poeta enxerga aquilo que um outro ser qualquer não conseguiria enxergar. Quando a realidade histórica de um Brasil autoritário, getulista e totalitário bateu à sua porta, o poeta Zweig se despediu e abandonou de vez seu sonho humanista.

Zweig omite a realidade dura dos excluídos do Brasil e privilegia majoritariamente os pontos positivos, sob uma perspectiva de quem estava antevendo morte e sofrimento de morte. Diante do horror europeu, o escravo aqui liberto, nas favelas, usufruindo sua liberdade, embora sem trabalho e sem o que comer, parece ser uma situação melhor que a de cativo, da perspectiva do autor. Zweig chega ao Brasil num período posterior ao da escravidão e a dominação do índio. Ele vê o resultado da miscigenação, da civilização e do progresso, e a situação da sociedade no momento em que ele está no país, sem lançar vistas ao passado, e projeta de seu momento presente o futuro, com a perspectiva do desastre europeu, em que a ciência e a filosofia, grandes promessas de benesses à sociedade como um todo, do século anterior, não ajudaram em muita coisa. Então, o Brasil transparece como o país do futuro. Para Zweig, acostumado com animosidades e ataques de grupos opositores, quase não há preconceito, não há racismo ou diferença social. Esta parece ser uma posição deslocada no tempo, mas situada naquela época. Não se trata de uma visão de hoje, retornando àquela época. É para isso que se faz uma contextualização: para justificar e compreender aqueles fatos naquele momento histórico; para analisar sua visão e seu posicionamento com os instrumentos científicos que se tinha. Daí que se pode concluir que Zweig reorganizou seus valores, seus métodos e optou por apresentar o Brasil como país do futuro, a sociedade brasileira como sociedade avançada no tempo, integrada e de algum modo protegida contra uma semelhante crise europeia. Pois, nas palavras de Alberto Dines, Zweig não era um poeta versejador, mas um *Dichter*, poeta-artista.

Falar de Stefan Zweig é despertar o interesse dos curiosos no mundo

Marina Brito

É também viajar entre continentes e países, mergulhar na história mundial e do Brasil ou até mesmo um meio para entender um pouco mais sobre a incrível história de um escritor judeu e best-seller em um tempo de guerras. É falar de desespero e refúgio na pátria brasileira. E não menos relevante, além das características referidas e relacionadas a Zweig, também cabe mencionar a incrível atividade de tradução pela própria pena do autor ou, sobretudo, o trabalho de tradução relevante que tem sido realizado na contemporaneidade que traz o mundo de Zweig em diferentes línguas aos leitores de hoje, bem como todo trabalho de tradução já executado na antiguidade sobre obras literárias de destaque de Stefan Zweig, atividade tradutória esta que, por sua vez, impulsionou a divulgação das obras do autor em diferentes países, levando-as inclusive à posição de *best seller* entre as décadas de 1940 e 1950.

Stefan Zweig é, até hoje, muito lembrado, lido e retraduzido. Produziu muito: ensaios, poesia, feuillets, traduções, dramas. Entre outros, escreveu no total de 20 mil a 30 mil cartas: “Zweig era um bestseller não apenas no universo germanófono, mas também mundial. Além de intensamente traduzido, suas novelas começaram a ser adaptadas para o cinema com bastante sucesso”, escreveu o biógrafo Alberto Dines.

Embora ainda exista uma carência de estudos sobre a fusão “campo da tradução e Stefan Zweig”, o tema merece atenção no que refere à investigação, uma vez que os tradutores, porta-vozes de Zweig pelo mundo, ganham a oportunidade de possuir mais espaço, não somente para justificar determinadas estratégias de tradução em passagens das obras traduzidas e em um determinado contexto histórico-social, para partilhar das dificuldades de escolha ou de encontrar soluções durante o processo de tradução entre “duas línguas e dois mundos”, como também para ter a oportunidade de se tornar

mais “visíveis”, podendo assim ser mais reconhecidos e, conseqüentemente, destacar o trabalho árduo de “coautoria na língua de chegada”, conceito este por vezes questionado por estudiosos da tradução e julgado negativamente por leitores, os quais, muitas das vezes, valorizam o texto de partida, acreditando defender o valor “superior e inigualável” do texto original, em detrimento do texto de chegada.

Este trabalho de pesquisa também foi, na época de publicação, uma tentativa de mostrar, por meio de uma análise cuidadosa e com base em fundamentação teórico-metodológica, as marcas de autoria, a visibilidade dos tradutores e, assim, os olhares provenientes da interpretação por parte dos tradutores perante o construto literário de Zweig, processo este inerente ao fazer tradutório, o que Stefan Zweig caracteriza como silencioso, sem gratificação e que requer persistência e uma forma de treinar a escrita, *pour me faire la main*, com o intuito de reforçar a ideia de reconstrução linguística, recriação, reescritura e coautoria do tradutor perante a(s) obra(s) traduzida(s): “embora muitas vezes considerado “transparente”, o tradutor recria o original no processo de tradução, através da subjetividade, da interpretação e de outros fatores”.

Para tanto, como objetivo geral da dissertação de mestrado “Stefan Zweig – Por entre traduções e olhares”, estabeleceu-se um estudo comparativo entre os textos originais escritos por Zweig e as traduções construídas, em um intervalo de sete décadas, por Odilon Galotti (respectivamente, 1941 e 1942) e por Kristina Michahelles (2013 e 2014) das duas obras icônicas escritas em alemão por Stefan Zweig, *Brasilien. Ein Land der Zukunft* (1941) e *Die Welt von Gestern. Erinnerungen eines Europäers* (1942).

Dois livros em alemão, que originam, entre muitas outras traduções, quatro para o português do Brasil nomeadamente, duas de Gallotti publicadas nos mesmos anos em que os originais foram lançados, e duas de Michahelles, lançadas após 72 anos da primeira publicação dos livros de Zweig. Um original escrito por um europeu em alemão, que traça olhares sobre a própria Europa de onde é proveniente, mais precisamente sobre a Áustria, e sobre o Brasil. Quatro traduções de brasileiros que desvendam e interpretam o olhar europeu, mas que veem a proposta de Zweig sob uma perspectiva brasileira,

nomeadamente, dois brasileiros falando da Europa e do Brasil e fazendo a tentativa de dar sentido e traduzir, levando em conta o contexto de produção das obras em questão produzidas por um europeu.

A escolha dos tradutores de língua portuguesa (variante brasileira) na referida dissertação se justifica, conforme descrito no trabalho, na medida em que: “ambos tradutores traduziram as obras que compõem o corpus deste estudo, além de serem publicações em um período afastado uma da outra (quase um século de diferença), propondo possíveis mudanças consoante à época em que as traduções foram elaboradas.” Partindo-se do modelo teórico-metodológico de crítica de tradução de Christine Nord (1988), o qual ancora-se na teoria do escopo e no encargo da tradução, levando em conta as línguas, os contextos e as culturas das línguas de partida e de chegada, consoante o encargo ou propósito do texto (perspectiva de análise textual voltada à tradução), consolidou-se uma análise com base em um cotejo entre as traduções de Odilon Gallotti e Kristina Michahelles juntamente com os textos originais de Zweig supracitados. Foram incluídas, portanto, “questões relacionadas ao caráter subjetivo e inerente a cada tradutor, a influência sociocultural sobre o processo de tradução, a crítica à noção de um “original” superior e, conseqüentemente, a não transparência do tradutor, reformulando, portanto, conceitos e pontos de vista.”

Para efeito de análise, utilizou-se o modelo de análise textual de Christiane Nord (1988), em que foram inicialmente identificados os fatores externos (fatores extratextuais) dos textos das línguas de partida e de chegada, abrangendo o contexto histórico em que Gallotti e Michahelles traduziram as duas obras originalmente escritas em alemão, de modo a embasar as opções de tradução ou comportamento dos tradutores ao traduzirem *Brasilien ein Land der Zukunft* e *Die Welt von gestern*.

Em seguida, buscou-se explorar os fatores intertextuais dos textos de partida e dos textos de chegada, iniciando pelos elementos primários ou paratextos (incluindo a comparação entre os títulos, reorganização e/ou subdivisão dos capítulos, entre outros) e, em seguida passou-se a uma análise organizada em temáticas, as quais foram identificadas ao longo do cotejo, sobretudo no que diz respeito às convergências e divergências de estratégias de tradução dos TC e o modo com que os olhares dos tradutores interpretam e recriam as imagens

e o construto de Zweig sobre o Brasil e a Áustria, sobretudo em uma inserção contextual de diferença de quase cem anos na história.

De modo sucinto, as temáticas gerais de reconstrução linguística, bem como os desafios para as estratégias de tradução desenvolvidas e identificadas ao longo do trabalho foram: 1) *pressupostos*: estrangeirização versus domesticação, marca explícita versus implícita dos tradutores, nomes próprios, tradução de cores, palavras estrangeiras; 2) *estrutura*; 3) *léxico*: a problemática do termo “Amazonas”, os termos “cultura” e “civilização”; 4) *sintaxe*: períodos com composição de advérbio e adjetivo, verbo: desinência número-pessoal e 5) *características suprasegmentais*.

Feita a análise, foi possível depreender-se, de modo geral, que Gallotti revelou uma tendência de tradução mais livre, de maior visibilidade nas traduções, mediante transformações colocadas de forma evidente, privilegiando o olhar e a cultura brasileira em suas traduções, explicitando suas marcas subjetivas através do predomínio de domesticações e propondo algumas alterações na estrutura dos textos, na sequência dos parágrafos de partida e a adição de capítulos. Adicionalmente, dentre as características ou modo de reconstrução linguística por parte de Gallotti, conferindo maior liberdade a suas traduções, há ampliações, omissões, uso de paráfrases, com acréscimos rebuscadores e esclarecedores aos leitores. Vale ressaltar que, ao considerarmos o contexto de Gallotti, para além do fato de o tradutor não possuir raízes alemãs, que o encargo da época objetivou uma publicação para veicular informações rápidas (divulgação simultânea à publicação do original em alemão), consistindo em uma literatura de divulgação de cultura, de acontecimentos antes e durante a guerra na Europa, direcionados a leitores de uma outra cultura, neste caso, aos brasileiros. Nesse sentido, pôde-se depreender que Gallotti busca aproximar sua tradução “ao público leitor, ainda que fosse preciso modificar visivelmente o texto do autor para torná-lo ‘legível’ e ‘claro’ para a elite brasileira da época. Daí a sua maior visibilidade (não transparência) enquanto tradutor.”

Por outro lado, considerando o contexto de Michahelles de inserção em um ambiente que preserva até hoje a cultura alemã por gerações, devido ao encargo de reavivar uma literatura *bestseller* do século XX, com um português mais moderno, mas que também traz as marcas da época de Zweig aos

leitores contemporâneos, torna-se evidente a preocupação com a literalidade de forma mais natural em suas traduções, fator de escolha consciente de um método que privilegia a proximidade do autor, “justificando, no caso, as escolhas predominantemente estrangeirizantes e, assim, propondo um texto mais moderno, mas que não facilita a vida do leitor por completo.” Entretanto, embora Michahelles opte em vários momentos pela “invisibilidade” enquanto tradutora, ainda assim foi possível identificar marcas de subjetividade explícitas, sobretudo, através das imagens (parte das pressuposições) ou nas propostas de criatividade na tradução, em que a tradutora explicita as suas leituras.

Ademais, torna-se necessário mencionar que os tradutores também apresentam convergências tradutórias, tais como a integração das palavras em português e a dificuldade apresentada em solucionar problemas de ordem lexical, de adjetivação e identificação de um sujeito em períodos com partículas de sujeito indeterminado. Ademais, as marcas subjetivas na tradução se tornaram mais explícitas, sobretudo, na análise da “tradução de cores”.

Portanto, o resultado da análise comparativa mostrou que a influência de um contexto (e não somente a intenção do autor) reflete-se nas escolhas e soluções tradutórias para formar o (re)construto, afirmando assim “a inexistência de uma invisibilidade do tradutor”, ainda que o/a tradutor(a) opte por mostrar-se menos “visível” ou tente, através dos recursos da linguagem, camuflar ou esconder evidências de suas marcas perante o leitor.

Para quem desejar desbravar o mundo zweiguiano cheio de surpresas, a dissertação conta com um anexo com uma linha do tempo da biografia de Stefan Zweig, com os maiores acontecimentos da vida do autor-tradutor, baseada em trabalhos de grandes biógrafos de Zweig, tal como Alberto Dines e Hartmut Müller.

Petrópolis, Stefan Zweig e Balzac: relato sobre a construção de uma tese

Carlos Eduardo do Prado

A minha história com Stefan Zweig começa em 1998, quando morei quase um ano na cidade de Petrópolis. Durante o tempo em que estive na cidade de Dom Pedro, soube através de amigos que o escritor austríaco havia morado e se suicidado em uma casa situada na rua Gonçalves Dias, local que em 2012 viria a ser a Museu Casa Stefan Zweig. Esse primeiro contato com a história de vida do escritor incentivou-me a buscar seus livros e a conhecer um pouco mais sobre sua vida.

Formado em Letras português-francês pela Universidade Federal Fluminense, cursei na mesma instituição o mestrado em Estudos Literários. Naquele período, que se desenrolou de 2012 a 2014, fui apresentado à biografia de Balzac escrita por Stefan Zweig, *Balzac le roman de sa vie* (*Balzac, eine Biographie*). Publicado postumamente (1946 na Alemanha e 1950 na França) o livro se tornou meu objeto de pesquisa durante o doutorado, pois além de ser uma leitura extremamente agradável e com valor literário significativo, reunia para mim a tríade perfeita de assuntos: Stefan Zweig, Balzac e a França.

Durante os quatro anos de doutorado (de 2016 a 2020) dediquei-me à construção da minha tese, além de participar de diversos eventos nacionais e internacionais. Escrevi dois capítulos de livros publicados no Brasil e na França, tendo Zweig e sua obra como meu objeto principal de estudo.

Intitulada “Stefan Zweig biografia Balzac”, a tese defendida em março de 2020 é um estudo comparativo entre as diversas biografias de Balzac com a obra *Balzac le roman de sa vie*. A realização desse trabalho aconteceu em sua maior parte no Brasil, com um período de estágio doutoral na França em 2018/2019, com o apoio financeiro da Capes, através do Programa Doutorado-sanduíche no Exterior (PDSE). Nesse período, além de aprofundar meus conhecimentos sobre Balzac na França, pude também adquirir novos conhecimentos sobre a

história de vida de Zweig, conhecendo em Viena e Salzburgo os lugares de sua vida pessoal e profissional.

Sob o viés da Literatura Comparada, o trabalho teve como problemática principal a relação entre biógrafo e biografado. Escrita por um biógrafo autor de diversos romances, novelas e ensaios, a biografia não é vista apenas como um simples retrato de vida, mas como uma possível narrativa em que os espaços vazios podem ser preenchidos pelo autor, identificando e estudando os possíveis reflexos entre os envolvidos nesse processo. A narrativa biográfica construída por Zweig possui um narrador que transita ora como personagem, ora como autor, sendo considerado o elo fundamental entre o ficcional e o real, na medida em que através dele acontecerá a (re)construção da vida e do personagem Balzac, trazendo à luz interpretações e eventuais compreensões. Nesse dinâmico mundo imaginado, produzido por Stefan Zweig, biógrafo/narrador, biografado, personagens e narrativas são peças fundamentais da construção.

A originalidade de Zweig ao construir o seu Balzac está na maneira com que ele costura na sua narrativa biográfica trechos da obra do biografado, resultando em uma biografia com qualidade literária superior àquelas anteriormente criadas pelos que se aventuraram na árdua tarefa de retratar o escritor francês. Evitando o modelo tradicional de relato biográfico que desvela ao leitor uma história baseada em uma sequência de datas e acontecimentos, Zweig re(cria) um personagem Balzac menos idealizado, porém ainda grandioso.

Foi através da análise das suas correspondências, que identifiquei a sua paixão por pelo autor francês. De simples admiração iniciada quando ainda era jovem, Balzac torna-se gradativamente um objetivo de vida, modelo de trabalho e dedicação a serem seguidos e copiados por Zweig. Mais maduro e conhecido mundialmente por suas inúmeras obras traduzidas em diferentes línguas, elegerá sua biografia mestre do realismo francês como um prêmio a ser conquistado, um símbolo de prestígio e de coroamento de sua carreira, ou seja, seu *opus magnum*.

Stefan Zweig é considerado um dos grandes biógrafos do século XX e vai servir de modelo aos que se arriscam na difícil tarefa de mergulhar no mais profundo abismo que é a vida humana, eternizando-a no papel.

Corroborando essa ideia, Dominique Bona, uma das mais importantes biógrafas de Stefan Zweig na França, afirma que, além de sua grande admiração pelo autor, para ela, ele é o "*maître de la biographie*", devido à clareza de seu estilo, sua fluidez ao escrever sua "*art du portrait*". Com todas essas características excepcionais, coloca-o entre os melhores autores que se dedicaram a escrever sobre a vida de outras pessoas.

Profícuo escritor, Zweig deixou para seus leitores uma considerável vitrine de personagens criados e biografados por ele. Pode-se destacar a mais famosa de suas biografias, na qual ele (re)constrói a imagem da última rainha da França, Maria Antonieta. Além dela, outras personalidades como Joseph Fouché, Maria Stuart, Erasmo de Roterdã, Fernão de Magalhães, Américo Vespúcio foram resgatadas do esquecimento histórico. Através desse gênero híbrido, que mescla em sua estrutura a arte da literatura com o factual histórico, esses personagens ganham uma nova vida.

A partir desse panorama geral, a metodologia da pesquisa apoiou-se em uma seleção de títulos que visou proporcionar uma reflexão teórico-crítica sobre o gênero biografia. Além disso, outros suportes como textos ficcionais de Balzac e Stefan Zweig, suas correspondências e diversos documentos como fotos, cartões postais, recortes de jornais e revistas foram grandes aliados na construção deste trabalho, em uma perspectiva comparatista entre os dois autores.

No primeiro capítulo intitulado "O gênero biografia em questão", foi traçado um percurso histórico do gênero biografia desde a antiguidade, passando pela discussão do lugar do gênero na literatura e na história. Para isso, foram consultados autores como Sergio Vilas Boas, Luiz Costa Lima, Antônio Cândido, François Dosse, André Maurois, Benito B. Schmidt. Ainda nesse contexto, tem-se a análise de diferentes biografias sobre o *maître* do realismo francês, com o intuito de ampliar o horizonte de reflexão sobre a vida de Balzac. A definição do recorte utilizado neste trabalho ocorreu após a leitura de diversas biografias sobre Balzac, identificando sua relevância para os estudos sobre o autor. Dentre essas obras, destaca-se a do húngaro naturalizado brasileiro Paulo Rónai, bem como as de André Billy, André Maurois, Roger Pierrot, Pierre Barbéris e Ernest Robert Curtius.

No segundo capítulo intitulado “Stefan Zweig e Balzac: a luta a partir da escrita”, o leitor é convidado a mergulhar na história de vida dos dois autores. Com vidas marcadas pelo desejo e ambição pessoal de reconhecimento, essa temática é discutida no subcapítulo 2.1 “O desejo do outro”, apoiando-se teoricamente em Freud e Lacan. Em 2.2 “O Brasil na história dos autores”, coloca-se, à luz da atualidade, a quase aventura de Balzac em terras tupiniquins, bem como é traçado um paralelo com o livro *Brasil, um país do futuro* de Stefan Zweig, evidenciando o importante papel do Brasil como uma possibilidade de salvação/futuro para os dois autores.

O terceiro capítulo, “Stefan Zweig e a sombra de Balzac”, foi escrito durante o período de estágio doutoral (doutorado sanduíche) na *Université de Pau et des Pays de l'Adour (UPPA)* - França. Nele, identificou-se a relação incontestável entre a França e a atemporalidade de Stefan Zweig no país, mais especificamente na cidade de Paris. Além disso, a partir do olhar de importantes estudiosos de Balzac, discutiu-se o silêncio em torno de *Balzac le roman de sa vie* mesmo que essa obra tenha sido exaltada pelo autor durante toda a sua vida.

No quarto e último capítulo, intitulado “Autores e personagens em frente ao espelho”, realiza-se uma análise do livro, tendo Stefan Zweig e Honoré de Balzac diante do complexo jogo de espelhos criado pela narrativa biográfica de Zweig. Nela, biógrafo e biografado transitarão entre o limite do real e da ficção, onde autores, personagens e suas obras coexistem em um mesmo plano.

Encontramos diversas pistas sobre a força e a genialidade do escritor em sua autobiografia intitulada *Autobiografia: O mundo de ontem*, traduzida por Kristina Michahelles e publicada em 2014 pela Editora Zahar. Neste emocionante relato de vida encontramos em suas páginas os diversos obstáculos vividos pelo autor que o impediram de realizar alguns projetos pessoais e que culminaram também com a antecipação da sua morte.

A não-conclusão *comme il faut* da hercúlea tarefa de recriar seu Balzac em uma biografia, a meu ver, jamais poderá ser encarada como desistência ou um traço de fraqueza. No comando total das suas escolhas e renúncias, Stefan Zweig foi forte o suficiente para não esperar passivamente o destino agir, pois com a mesma força que sua pena traçou o trágico destino da maioria dos seus personagens, ele se lançou em direção ao seu próprio.

Ao estudar sua vida, ler e compreender suas obras, Stefan Zweig não demonstra em nenhum momento da sua existência qualquer sinal de fragilidade. Ao contrário, considerando sua enorme produção literária, suas incontáveis viagens, seus milhares de leitores ao redor do mundo e sua perpetuação como um dos autores mais lidos e traduzidos, pode-se dizer que ele está no patamar dos indivíduos que podem ser equiparados à força titânica de Honoré de Balzac.

**Minha terra
tem palmeiras,
onde canta o
sabiá;
as aves, que
aqui gorjeiam,
não gorjeiam
como lá.**

Gonçalves Dias, poeta romântico brasileiro,
quando estava em Coimbra, Portugal